



Metrópole de contrastes: Cultura Visual de São Paulo na década de 1940\*<sup>1</sup>

## 1. São Paulo: transformações sociais e urbanas no século XX

O período do início do século XX caracteriza-se por ser marcado por diversas intervenções urbanas, a exemplo das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Tais projetos inspirados na Belle Époque, de Paris, onde, infundiu pelo mundo projetos de urbanização e modernização.

A Belle Époque francesa se caracteriza como uma época do florescimento do belo e transformações urbanísticas. Surgem os cabarés, Can-Can e cinema. Do âmbito artístico ocorre o nascimento do Impressionismo e da *Art Nouveau*. Foi um movimento que teve marcas profundas em outros países, como o Brasil, por exemplo. Era comum a elite brasileira ir a Paris frequentemente e com isso novas tecnologias, artes, arquitetura e literatura foram trazidos e adaptados no Brasil.

Dentro do território brasileiro, este período tem início em 1889 com a Proclamação da República e vai até 1922 com o Movimento Modernista e a realização da Semana da Arte Moderna, na cidade de São Paulo, sendo aos poucos substituída por novos movimentos culturais. Concomitante, principalmente, com o início da “Belle Époque” brasileira, tem-se, principalmente em São Paulo, a era dos motores e das máquinas – apitos de trem, buzinas dos automóveis, ruído do bonde sobre os trilhos e, ainda mais significativo para o desenvolvimento econômico, foi o som das sirenes das novas fábricas instaladas na cidade (TOLEDO, 2015).

---

\*HALLAL, Maria Clara. Mestre em História, UFPEL. Email: clarahallal@hotmail.com

<sup>1</sup> Palavras-chave: Hildegard Rosenthal; São Paulo; fotografias

O café, estrada de ferro, industrialização e imigração estão intrinsicamente ligados. Os industriais, por exemplo, construíram suas mansões na Avenida Paulista e suas indústrias, de forma geral, foram alocadas em locais vizinhos à estrada de terra, facilitando o transporte das mercadorias. E junto às fábricas foram construídas casas/ vilas para esses operários que migravam das mais diversas regiões do país em busca de melhoria de vida.

Uma cidade não seria considerada cosmopolita e metrópole sem dois equipamentos principais: o arranha-céu e o bulevar. Para o primeiro, só foi possível a verticalização das construções em virtude de duas novas tecnologias: concreto armado e o elevador. O primeiro arranha-céu era um edifício de cinco andares, construído em 1904, por Martinho Prado Júnior. Outro imponente prédio era o Edifício Martinelli que após problemas e inseguranças com a solidez do prédio, foi inaugurado em 1929, com trinta andares.

Chegando aos anos 1920 a Catedral da Sé já estava em construção, em 1927, Prestes Maia e Ulhôa Cintra, urbanistas, criaram o “Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo” que se tornou um clássico dos estudos urbanísticos de São Paulo. Porém, somente em 1938, com a nomeação de Prestes Maia como prefeito é que se abriu a ele a oportunidade de colocar em prática seu plano. O novo prefeito foi nomeado em meio ao período denominado “Estado Novo”, ditadura instaurada por Getúlio Vargas.

O plano orientou as remodelações urbanas da cidade entre 1934 até 1945, ocorrendo transformações urbanísticas e extensão do sistema viário da cidade. Com o recenseamento da década de 1940<sup>2</sup> a cidade possuía 1,4 milhão de habitantes, atravancando o centro e a comunicação com os bairros e vice-versa. Obras como da Rua Ipiranga onde se transformou em Avenida Ipiranga e a construção do Viaduto Jacaréí deram fluidez para um trânsito que apresentava sinais de estagnação.

Durante as modificações, casas e prédios que estivessem no caminho foram desmanchados, moradores realocados, mas, no fim de tudo, proporcionaram uma nova e não definitiva estrutura urbana, visto que a cidade é uma estrutura viva e cambiante, necessitando de modificações constantemente.

Chega-se, então, a São Paulo da década de 1940, o Brasil continuava sob o regime ditatorial do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial provocava perplexidade, ainda que todos estivessem meio anestesiados, com a invasão de Paris pelos alemães. Com a entrada do Brasil na guerra, em 1942, a população paulista viu-se sob uma nova configuração: exercícios de blecautes para preparar a população caso houvesse invasão por via aérea, o racionamento

---

<sup>2</sup> Não havia recenseamento desde 1920, visto que a Revolução de 1930 impediu que houvesse a pesquisa do ano.

de gêneros alimentícios e de petróleo. Para substituir o petróleo, foi necessário recorrer a outras soluções, como o gasogênio e, para isso ser efetivo, indústrias metalúrgicas, oficinas de conserto de carros e engenheiros juntamente com empréstimos e subsídios governamentais, conseguiram, em 1943, 10.864 veículos movidos a gasogênio no Estado, desses, 7.352 na capital.

Os resultados da guerra no plano político e social todos conhecem, horrores como o Holocausto, ascensão dos Estados Unidos como potência imperialista, a Guerra Fria e a divisão do mundo em dois blocos: socialistas e capitalistas. No contingente brasileiro, como elucida Toledo (2005: 436) “a Federação das Indústrias (Fiesp) passou de 1465 associados, em 1938, a mais de 5 mil em 1944. A política de substituição de importação, importada pelo Estado Novo e reforçada nos anos de guerra, propiciou o surgimento de uma miríade de novos empreendimentos”. Em contrapartida, o regime trabalhista sofria revés, com diminuição dos direitos trabalhistas até então conquistados.

Logo, o Brasil, mais especificadamente São Paulo nas décadas de 1930 e 1940, foi um período transformador e marcado por construções, verticalizações, imigrações e modificações na estrutura da urbe. Ocorreram obras como o estádio do Pacaembu (1939), Palácio da Imprensa (sede da Gazeta), assentamentos de trilhos e verticalização da arquitetura residencial com a construção de edifícios suntuosos<sup>3</sup>. Importante ressaltar, que, conforme Negri e Pacheco, o crescimento industrial do estado de São Paulo “ocorreu principalmente, nos municípios localizados no entorno da capital paulista, notadamente no ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema)” (Negri e Pacheco, 1994: p. 64).

Por conseguinte, entende-se, que o desenvolvimento urbano ocorreu em todo o estado, obviamente, concentrando-se na capital, São Paulo. Essa, nesse período, pode ser considerada metrópole, segundo as definições de Santos (1993) que considera apenas as cidades com mais de um milhão de habitantes como metrópole.

## **2. Hildegard Rosenthal: registros de uma cidade misturada entre os tempos antigo e moderno**

Compreendendo o estado de São Paulo nas décadas de 1930 e 1940, espaço temporal desse estudo, chega-se aos fotografos que registravam o urbano da época. Esses desde fins do século XIX já registravam as transformações ocorridas nas cidades. Obviamente, mesmo a

---

<sup>3</sup> Desde a década de 1910 tem-se a construção de edifícios com mais de 4 andares na área central da cidade, contudo mantendo-se restrito a escritórios. A partir de 1930 o processo tornou-se irreversível e expandiu-se para além do limite do centro de São Paulo.

cidade ter se transformado bastante entre 1930 e 1940, era difícil a sobrevivência dos fotógrafos, principalmente os de vistas urbanas. Para quem vender? Com isso ou por isso, Hildegard Rosenthal tinha contatos com um amplo circuito social da época; tinha ligações com os principais veículos de comunicação (Folha de Noite, Folha da Manhã etc.). Suas imagens procuravam capturar o artista no momento da criação, o que tem a ver com o espírito de reportagem que a fotógrafa sempre carregou.

Só décadas mais tarde, desde sua chegada ao Brasil, suas fotografias foram para o circuito das exposições, a primeira foi em 1974, no Museu de Arte Contemporânea em SP. Na Bienal de 1977 ganhou o prêmio de melhor fotógrafa. Como contemporânea tinha, por exemplo, Alice Brill que também produziu imagens de São Paulo, mas da década de 1950. Outro olhar estrangeiro sobre essa cidade de misturas de tempos. Rosenthal era especialista no uso da Leica, equipamento que ajudou a difundir o formato das fotografias em 35 mm e favorecia o instantâneo.

Contextualizando a Hildegard, ela chegou ao Brasil durante o período do Estado Novo. Hildegard nasceu em Zurique, Suíça, não era judia, mas seu namorado, Walter Rosenthal, sim. Isso os levou em 1937 a trocar Alemanha pelo Brasil, onde se casaram. Após poucos meses trabalhando numa empresa chamada Kosmos Foto, como orientadora de serviços laboratoriais, a fotógrafa foi contratada por uma pequena e recém-criada agência de notícias, a *Press Information*, passando a publicar suas imagens em órgãos da imprensa nacional e estrangeira. Sua grande produção de imagens foi durante as décadas de 1930 e 1940.

Após encerrar sua carreira como fotojornalista, em 1948, Hildegard Rosenthal passou a fotografar apenas por prazer e elegeu as crianças como tema. Meninas japonesas fotografadas no bairro da Liberdade, engraxates e pequenos jornaleiros se destacam em suas fotos. Em 1959, depois da morte do marido, Hildegard assumiu a direção da empresa da família.

Esse trabalho utilizou as imagens do livro “Metrópole: Hildegard Rosenthal”, organizado por Maria Luiza Oliveira que divide as imagens em quatro temas: Cenas Urbanas, Edifícios/ Grafismos, Interior, Noite/Chuva e Retratos. Abaixo, a primeira imagem analisada:



Imagem 1: Ponto de Encontro, São Paulo, SP, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

A imagem 1 mostra, então, um grupo ou até mesmo aglomerado de pessoas na Rua Direita com a 15 de novembro. Era uma das regiões mais movimentadas da cidade. A rua não era apenas lugar de passagem, mas, sim de permanências e encontros. As pessoas ocupavam até mesmo o “meio da rua”. Na imagem não tem bondes ou carros, mas não era incomum que atropelassem as pessoas, uma vez que as normas do trânsito ainda eram incipientes.

Nota-se um sentido de rua diferente do atual, por exemplo. Hoje o pedestre, ainda que por vezes não cumpra, já tem consciência que rua é o lugar do carro, a calçada é o seu lugar. Outro elemento a ser considerado é a maneira ou posição em que a fotógrafa estava para obter o clique. Estava em uma posição superior, talvez uma janela ou sacada. Há a presença de sombras e luzes, esse jogo que compunha suas imagens. Algo que também chama atenção nas suas imagens é que o protagonista, por vezes, é a própria calçada – o calçamento e o meio-fio. O chão tem um espaço privilegiado.

Ainda, os homens na fotografia, a maioria está vestido de terno, sendo um elemento, junto com a gravata e o chapéu, de distinção. Curiosamente, quase não existem mulheres na foto, a esse respeito, Yara Dines (2017: p.100), comenta que:

Vemos pouquíssimas mulheres presentes na região central da cidade, o que também será percebido em outras fotografias de Hildegard Rosenthal. As mulheres já realizam trabalho comercial e de serviços no centro de São Paulo, porém ainda em número reduzido, como é comentado anteriormente; tanto é que apresentam uma invisibilidade de sua presença nas imagens das ruas.

Rosenthal, pela sua própria formação fotográfica e, possivelmente por sua condição de mulher e imigrante, devia compreender e tentar buscar as personagens femininas de São Paulo. Como na imagem 2, onde tem-se a imagem de mulheres na zona cerealista:



Imagem 2: Mulheres na zona cerealista, São Paulo, SP, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

A zona cerealista era movida especialmente de arroz e feijão e, as mulheres iam aos locais a fim de comprar as mercadorias a preços mais módicos. A próxima imagem demonstra a questão da verticalização de São Paulo:



Imagem 3: Rua Marconi, antes da abertura que à ligaria a Avenida São Luiz; ao fundo. A Praça D. José Gaspar, São Paulo, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

Essa imagem 3 apresenta fachadas de edifícios vistos do alto, com os carros e sombras lá em baixo, formando, até devido a rua estreita, vales e a sensação de estrangulamento e sufocamento. Ao mesmo tempo em que representa o progresso sob a forma da verticalização, também, pode representar o medo e a sensação de estar sendo “engolido” por essa nova conjectura urbana.

A respeito do ato de fotografar, considera-se que é tomar posse de um momento vivido, um recorte do tempo, espaço e lugar, que possibilita inúmeras narrativas e sentidos para a imagem. Nessa direção, merece atenção o trabalho de André Rouillé, intitulado “A fotografia: entre documento e arte contemporânea” (2009), que explicita:

A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real. A fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar (ROUILLÉ, 2009: p. 77).

A fotografia não registra coisas preexistentes, ela transforma e faz ser alguma coisa. O objeto fotografado é resultado de um posicionamento ideológico, visão técnica, estética e objetivos do fotógrafo. Obviamente que há objetos apresentados na fotografia, por exemplo,

uma rua, novos bairros, iluminação diferenciada, contudo, não é, por exemplo, o edifício real que está na imagem, mas o edifício traduzido por um olhar e determinada estética.

A próxima imagem tem-se a construção da Biblioteca Nacional e, ao mesmo tempo, uma pavimentação da rua. Foi construído em 1942, considerado um dos marcos do estilo *art déco*, a nova sede da Biblioteca Nacional visto que o antigo prédio já estava saturado. A cidade, para Rosenthal, não existia apenas nos monumentos ou prédios de grande porte, mas, sim nos detalhes, conjeturas, construções, trabalhadores e nas modificações das vistas urbanas.



Imagem 4: Biblioteca Municipal em construção, na rua da Consolação, São Paulo, SP, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

Na fotografia 5, abaixo, vê-se uma imagem feita de baixo para cima, mostrando estruturas pouco visíveis, que poderiam, facilmente, passar “batido” pelo observador. Outro elemento importante são os paralelepípedos sobrepostos (empilhados). Indicando esse momento de mudança e, ao mesmo tempo, permanência que a cidade passava. Rosenthal não se preocupava com a ideia de nitidez, disse “Se nós temos tudo nítido da frente para trás, não se vive”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <https://ims.com.br/titular-colecao/hildegard-rosenthal/>



Imagem 5: Pavimentação de rua, São Paulo, 1940.

### **Considerações Finais**

As imagens de Rosenthal evidenciam a composição dessa São Paulo dos anos 1940, onde industrialização, progresso, crescimento aconteciam. Por outro lado, os componentes não visíveis dessa cidade também estavam presentes nos seus registros.

As fotografias 1 e 3, por exemplo, demonstram essa verticalização da cidade, onde novos prédios iam surgindo, assim, como, uma reocupação dos espaços urbanos pelos atores sociais da cidade. A imagem 2 mostra a presença das mulheres no cenário urbano, ainda que fossem, de certa forma, invisíveis para alguns fotógrafos, Rosenthal registrava essas mulheres até mesmo por sua própria condição feminina e estrangeira. Era uma estrangeira retratando os “estrangeirismos” da cidade.

As imagens 4 e 5 representam dois momentos dessa cidade, onde os dois tempos estão presentes: as ruínas – os paralelepípedos e a pavimentação da rua e o moderno, seja nessa nova forma de fotografar: a fotografa se posicionava no chão para obter a imagem 5 ou, então, no surgimento dos novos prédios modernos da cidade.

Como outras cidades do período, São Paulo convivida com as construções novas e as ruínas, com temporalidades sobrepostas. As permanências e mudanças estão evidenciadas nas fotografias de Hildegard Rosenthal.

**Fonte consultada:**

OLIVEIRA, Maria Luiza; BRACHER, Beatriz. *Metrópole: Hildegard Rosenthal*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

**Referências Bibliográficas:**

DINES, Yara Schreiber. *São Paulo na imagética de Hildegard Rosenthal e de Alice Brill*, fotografias imigrantes modernas. *Proa - revista de antropologia e arte | campinas | n.7 | v.1 | p. 88 - 128 | jan-jun | 2017*.

NEGRI, Barjas; PACHECO, Carlos A. *Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista*. Espaço e Debates. São Paulo:NERU, n. 38, p.62-83,1994.

ROUILLE, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

TOLEDO, Roberto Pompeu. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.